

EDITORIAL

As pesquisas bíblicas e arqueológicas nos textos e no mundo do Primeiro Testamento indicam que a instituição do monoteísmo em Israel, ao contrário do que se pensava tradicionalmente, é fruto de um longo processo que se consolida somente no pós-exílio.

O monoteísmo consiste na afirmação de que existe um só Deus para todas as áreas da vida, para todos os povos e para todo o universo. Neste sentido os textos bíblicos monoteístas mais antigos na Bíblia são encontrados em Is 43,10-13; 44,6-8; 45,5-6.21; 46,9, no Segundo Isaías (Is 40–55), escritos por volta dos anos 550 aC.

Os primeiros passos do processo acontecem com a instituição do culto a Javé, com o estabelecimento da arca em Jerusalém, como religião oficial no reinado de Davi. Porém o culto a Javé, como o Deus do rei, acontecia em paralelo com o culto a muitas outras divindades, tanto nos diversos santuários tribais e em milhares de altares clânicos e familiares, como também em Jerusalém.

O reino do norte, embora igualmente contasse com muitos santuários e locais de culto, e cultuasse a vários Deuses e Deusas, segue outro caminho. Parece ter tido inicialmente Elohim como divindade oficial, na dinastia de Jeroboão (1Rs 12,28.32), depois substituído por Baal, na dinastia de Amri (1Rs 16,32), e por último Javé, com a dinastia de Jeú (1Rs 18,21), seguindo assim até 722 aC, quando Samaria será destruída pelo império assírio.

Outro passo significativo na direção do monoteísmo serão as reformas realizadas a partir de Jerusalém pelo sacerdote Joiada, e pelos reis Ezequias e Josias que culminam com a imposição de Javé, como o único Deus de Israel, e a proibição de qualquer culto a outro Deus ou Deusa (2Rs 23,4-25). Com eles Javé passa a ser o Deus nacional de Israel, porém ainda não era o monoteísmo, pois se aceitava a existência de outros Deuses e Deusas (Ex 20,3-5; Dt 10,17).

O monoteísmo judaico de fato só é instituído no pós-exílio pela hierarquia sacerdotal que assumirá de forma teocrática, com apoio do império persa, o governo político e religioso de Judá no período do segundo templo (Dt 4,35.39 etc.).

Processo semelhante acontece com a instituição do monoteísmo cristão, durante o processo de elaboração das doutrinas e teologias cristãs, principalmente no momento e após a instituição do cristianismo como religião oficial do Império Romano. Na passagem de Jesus de Nazaré ao Cristo Pantocrator, o Cristo Rei,

todo-poderoso... que recebe contornos adequados à identificação dos reis e imperadores com ele.

Este processo, porém, incluiu e inscreveu nos textos bíblicos muita intolerância, violências e exclusões. Os articulistas que colaboram neste número de Estudos Bíblicos dedicaram-se em pesquisar alguns destes desdobramentos do processo de afirmação do monoteísmo na tradição judaico-cristã.

Luiz José Dietrich aborda a relação entre atitudes de intolerância, discriminação e violência perpetradas em nome de Deus e determinadas concepções teológicas desenvolvidas ao longo do processo de instituição do monoteísmo em Israel. Defendendo que a persistência dessa concepção monoteísta excludente e homogeneizadora em determinadas compreensões e práticas do cristianismo na atualidade, revelam que existe uma espécie de perversão teológica em determinados setores cristãos. Pois esta concepção monoteísta de Deus, hoje associada a Jesus Cristo, era provavelmente a teologia das pessoas que condenaram Jesus à morte.

O artigo de Ademir Rubini tem por título: *O monoteísmo e a intolerância para com os estrangeiros*. Trata do processo gradativo da implantação do monoteísmo em Israel. Embora a narrativa bíblica dê margem para a interpretação de que o povo israelita se formou a partir de uma única experiência animado pela fé num único Deus, as recentes pesquisas abrem outras possibilidades. É o pluralismo religioso e não o monoteísmo a característica fundamental que marcou a história do povo israelita desde a sua origem. O respeito à diversidade religiosa permite a inclusão social de grupos diferentes. A consolidação de sistemas excludentes vem junto com a imposição do monoteísmo.

Armando Rafael Castro Acquaroli escreve sobre: *Demonização de outras divindades e dos cultos autóctones*. Parte do pressuposto de que há uma pluralidade de conceitos acerca de Deus, de suas manifestações e do modo como se cultua. Isso gera conflitos. Desde a história de Israel é possível perceber como, ao longo de um extenso processo, as divindades de outros povos foram se tornando inimigas da chamada “fé verdadeira”. Perpassando alguns exemplos de deuses que se tornaram deidades malévolas isso fica bem patente. Nesse sentido, o caminho a ser percorrido rumo ao respeito mútuo parece que passa pelos erros da história, a fim de aprender com eles e não repeti-los.

Celso Loraschi, em seu artigo, enfoca o movimento profético de Sofonias relacionado com a reforma religiosa levada a termo pelo rei Josias no ano 622 aC. Daí o título: *O profeta Sofonias e a reforma de Josias*. O projeto oficial restringiu-se à destruição dos lugares de culto não javista espalhados pelas vilas e promoveu a centralização no templo em Jerusalém. A intolerância com as práticas religiosas diferentes promoveu uma religião que cimentou a estrutura sócio-político-econômica expansionista e de dominação de um grupo de privilegiados sobre a maioria. O profeta Sofonias revela que a idolatria não se restringe aos cultos a outros Deuses ou Deusas, mas revela-se, sobretudo, na situação de injustiça e nos mecanismos de opressão que privam o povo de seu direito à vida digna.

No intuito de abordar o tema da sexualidade – temática muitas vezes e de muitos modos alvo de intolerâncias – num prisma teológico e educativo, Maria Aparecida Pascale escolheu, para seu estudo, o sugestivo título: *Ela pode pensar e ele pode sentir*. A base de suas reflexões é a revelação bíblica de que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança. A sexualidade é um instrumento saudável na relação homem-mulher com os seus desejos, “estabelecendo de si para consigo certa relação que lhe permite descobrir a verdade de seu ser”, como afirma Foucault. No entanto, a sexualidade aparece, muitas vezes, ligada às relações de poder. Embora esta não seja a relação mais densa, é a que aparece como a mais dotada de massa de manobra.

O perfil de Deus nos Salmos é o artigo elaborado por Luís Inácio J. Stadelmann. Os salmistas apresentam a Deus como Ser Absoluto pessoal que manifesta seus desígnios divinos de salvação com respeito aos seres humanos. Logo de início o estudo se concentra no caráter marcante como Deus da Aliança vinculado com o povo eleito com laços de amor e fidelidade. Através de sua comunicação na oração da comunidade litúrgica se levanta o pensamento dos fiéis para um ideal de vida mais solidária. A partir dos dados sobre a natureza e atributos de Deus se explicitam os títulos divinos, como ocorrem também na linguagem dos livros bíblicos. Por fim, segue um capítulo sobre as metáforas aplicadas a Deus nos Salmos.

Sílvia Togneri levanta a questão: *Doença, castigo de Deus pelo pecado?* Tem o propósito de apresentar os textos bíblicos que deram base a esse modo de pensar. Comparando os textos entre si e com as atitudes de Jesus de Nazaré, procura desmistificar a compreensão de Deus como castigador e punidor de pecadores com doenças, exclusão e até a morte. A pergunta dos discípulos de Jesus, em Jo 9,2, serve de base para toda a argumentação desenvolvida. Evidencia o modo como, já no Primeiro Testamento, a visão de Deus libertador, misericordioso, amoroso e bondoso é apresentada, e, depois, é reforçada por Jesus de Nazaré, que cura, perdoa, liberta e inclui as pessoas consideradas como pecadoras.

Uwe Wegner é o autor do estudo: *Monoteísmo e onipotência divina: inferências do Apocalipse*. Analisa o conceito de onipotência divina partindo das características da ação divina apresentadas pelos autores bíblicos, enfocando alguns textos do Novo Testamento, de maneira mais especial os do livro do Apocalipse. A situação extremamente difícil em que se encontravam as comunidades cristãs no final do 1º século exigia posicionamento radical diante do poder despótico exercido pelo Império Romano, legitimado pelo culto ao imperador. Trata-se de uma “luta de deuses”. Quem, afinal, seria o verdadeiro dominador do mundo, aquele cujo poder seria o mais forte? Haveria em Deus e em Cristo um poder maior e mais forte no qual se amparar e confiar?

Tendo em vista a prática pastoral, Klaus da Silva Raupp escreve sobre *A interpretação da Bíblia e a leitura fundamentalista ou literalista segundo o magistério católico desde o Concílio Vaticano II*. Para isso, fundamenta-se, sobretudo, em dois documentos: um do Vaticano II, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*

sobre a Revelação Divina e um da Pontifícia Comissão Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. O autor conclui reforçando a necessidade de superar as leituras fundamentalistas, chamando a atenção para a importância da formação bíblica do povo, através do método histórico-crítico e da leitura popular da Bíblia.

Finalmente, Edegar Fronza Júnior apresenta uma resenha do livro: *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*, de Haroldo Reimer. Quem ainda não conhece a obra, convencer-se-á de que é imprescindível adquiri-la. Segundo o recensor “a obra de Haroldo Reimer pode ser considerada uma obra-prima para o estudo da formação do monoteísmo hebraico. Apesar de possuir poucas páginas a densidade literária é de alto nível, demonstrando domínio de conteúdo e excelente escrita. Mais do que dar respostas prontas ou encerrar em si a discussão, o presente livro busca interpelar o leitor a questionar-se sobre a identidade de Deus para que o ser humano possa construir a sua própria identidade”.

Como podemos perceber, o tema escolhido para esse número de Estudos Bíblicos é muito relevante e aqui foi abordado de modo bastante amplo. Certamente vários outros aspectos poderiam ser estudados perpassando os diversos contextos históricos de onde emergiram os textos bíblicos. Com muito carinho, oferecemos estes à apreciação crítica dos leitores e leitoras. Os monoteísmos com seus desdobramentos históricos é um assunto que desperta atualmente muito interesse entre os estudiosos da Bíblia e entre todas as pessoas que se empenham por um mundo de paz, de justiça e de fraternidade. Estamos convictos de que este mundo será possível somente pelo diálogo honesto, em permanente atitude de aprendizado mútuo e de respeito às diversidades.

Celso Loraschi e Luiz José Dietrich